

# GRANDE VIAGEM PELO IMPÉRIO ROMANO

MARCUS SIDONIUS FALX  
& JERRY TONER



COORDENADOR DA COLEÇÃO

**António Araújo**

TRADUÇÃO DE

**Nanci Marcelino**





BRITÂNIA

ITÁLIA

★ Roma

• Nápoles

GRÉCIA

• Rodes

• Alexandria

EGITO



*loais da narrativa*



# ÍNDICE



Prefácio ♦ 11  
(Antônio Araújo)

Nota do autor ♦ 15

Nota do comentador ♦ 17

## CAPÍTULO I

Uma grande viagem ♦ 21

## CAPÍTULO II

O Golfo de Nápoles ♦ 31

## CAPÍTULO III

Entre os gregos ♦ 51

## CAPÍTULO IV

De Éfeso a Antioquia ♦ 81

## CAPÍTULO V

A Judeia e mais além ♦ 111

## CAPÍTULO VI

Egito ♦ 133

## CAPÍTULO VII

De África a Hispânia ♦ 167

CAPÍTULO VIII  
Locais selvagens da Gália ♦ 197

CAPÍTULO IX  
Na Britânia ♦ 221

CAPÍTULO X  
Com destino obrigatório a Roma ♦ 249

Leituras complementares ♦ 261

## PREFÁCIO



António Araújo

**D**os grandes exploradores dos tempos greco-romanos, não consta, estranhamente, o nome de Marcus Sidonius Falx, facto tanto mais singular e bizarro quanto ele foi autor do mais completo guia do Império Romano da sua época, o livro que ora tendes entre mãos.

Na verdade, quando falamos dos geógrafos e exploradores da Antiguidade Clássica, lembramo-nos de imediato do grego Estrabão (63 ou 64 a. C. — c. 24 d. C.), contemporâneo de Augusto, autor da célebre *Geografia*. Ou de Pompónio Mela (15 — 45 d. C.), nascido no sul de Espanha, na actual Algeciras, que assinou *De Chorographia* e descobriu o Lago Constança, e foi o primeiro a falar de umas fabulosas criaturas femininas, as fadas. Ou ainda de Marino de Tiro (210 — 150 a. C.), nascido na Fenícia, considerado o pai da geodesia astronómica, pioneiro da projecção cartográfica, com seus paralelos e meridianos, latitudes e longitudes. Mas também de Pausânias (c. 110 — 180 d. C.), geógrafo e viajante, que viveu no século II, no tempo de Adriano, de Antonino Pio e de Marco Aurélio, e nos legou vasta descrição da Grécia, em dez volumes, com minuciosos relatos da Ática, da Argólida, da Lacónia, da Messénia, da Élide, da Acaia, da Arcádia, da Beócia e, claro está, da Fócida. Ou ainda de Cosme Indicopleustes, cujo nome significa, literalmente, «que viajou para a Índia», autor de *Topografia Cristiana*, obra escrita por volta do ano 550 e que, baseada na sua

experiência de mercador no Mar Vermelho e no Oceano Índico, contém deslumbrantes mapas, além de descrições pioneiras da Índia e do Sri Lanka.

Ocorrem-nos estes nomes, mas não o de Marco Sidónio. E, no entanto, ele foi autor de um apaixonante «Baedeker do mundo antigo», nas palavras do seu comentador dos nossos dias, o inglês Jerry Toner. Porquê esta omissão? Talvez se desvende o mistério se soubermos quem é Jerry Toner, director do departamento de Estudos Clássicos no Churchill College, Universidade de Cambridge, onde é também professor. Doutorou-se em Cambridge nos anos 1990, com uma tese sobre o lazer e o ócio no tempo dos Romanos, publicada em 1995 pela Polity Press com o título *Leisure in Ancient Rome*, e, em vez dos imperadores e dos poderosos, prefere estudar o povo, os cidadãos vulgares, as vivências da rua, as relações sociais entre os comuns mortais, a importância das barbearias e dos barbeiros e na sociabilidade da antiga Roma ou o papel dos jogos e dos lazeres na domesticação das gentes, o velho *panem et circenses* que, ontem como hoje, anestesia a cidadania e permite moderar-lhe os ímpetus. A sua paixão pela História Cultural, onde se intuem vestígios da influência da *École des Annales* e da «micro-História», fá-lo debruçar-se sobre coisas que nem imagináramos ser possível estudar à distância de tantos séculos, como a relevância dos sentidos, com destaque para o cheiro, na antiga Roma e nas primícias do Cristianismo, o lugar das crianças e do lúdico ou as doenças e a saúde mental nessa época tão recuada, ou ainda o papel que os desastres naturais e humanos (cheias, grandes incêndios, guerras e fomes) desempenharam na cultura e na mentalidade clássicas.

Há anos, li um pequeno e fascinante livro da sua autoria, *The Day Commodus Killed a Rhino: Understanding the Roman Games* (John Hopkins University Press, 2014), e já aí se notava a extraordinária e rara capacidade do autor em descrever fastos antigos de um modo apaixonante para os leitores, aliando um saber profundo a uma escrita simples e despretensiosa, em que o humor e a graça nos surpreendem a cada instante. Jerry Toner não é um puro

*scholar*, um acadêmico encerrado na sua torre de marfim, e a sua biografia compreende, imagine-se, uma longa estada de 12 anos na *City* londrina, como gestor de fundos de investimento, após o que, em 2006, talvez já cansado das misérias e tristezas do capitalismo financeiro dos nossos dias, regressou ao mundo antigo, onde junta às qualidades de investigador respeitado as de admirável divulgador de ciência. Assim, a par de trabalhos mais sisudos e circunspectos, publicados pelas melhores chancelas universitárias, Jerry Toner é autor de diversos livros de vulgarização, como *The Ancient World*, de 2015, *Latin Key Words*, de 2002 e de 2003, respectivamente, e do já citado *The Day Commodus Killed a Rhino*.

É neste âmbito que se inscreve a trilogia de guias do Império Romano em que, sob as vestes de um patricio antigo, Marcus Sidonius Falx, nos são apresentados lugares e momentos-chaves dos tempos clássicos. Antes deste *Grande Viagem pelo Império Romano*, cuja edição original é bem recente, de 2021, Toner já havia publicado *How to Manage Your Slaves*, em 2014, e *Release Your Inner Roman*, dois anos depois. A popularidade destas obras é global, como o atestam as suas traduções em línguas tão diversas como o chinês, o japonês, o russo e o coreano, o polaco e o castelhano, o turco, o italiano, o francês, o ucraniano. E, agora, finalmente, o português.

O livro que ora tendes entre mãos é, pois, uma obra de viagens num duplo sentido, espacial e temporal. Marcus Sidonius tem propriedades no norte de África, herdou vastas terras na Gália, comprou olivais na Hispânia para vender azeite à capital do Império, estudou em Atenas e em Alexandria, tem um filho, Titus, que comandou tropas junto à muralha das Ilhas Britânicas, sendo, pois, um verdadeiro «cidadão do mundo» — ou, melhor dito, «cidadão do Império». Marcus deambula do Oriente ao Ocidente e, como nos romances de aventuras que marcaram a nossa juventude, vai descrevendo *pari passu* as suas tribulações de viagem. A Ibéria é apresentada como uma terra pobre, composta de montanhas, florestas e terras agrestes que mal conseguem sustentar as pobres gentes que

as habitam, havendo nela, todavia, uma região riquíssima, a Bética, com campos férteis, costas abundantes em peixe e em mariscos e cavalos deslumbrantes. Com enorme subtileza, o relato de Marcus Sidonius/Jerry Toner vai descrevendo a paisagem de uma forma que a cada passo, às vezes em pormenores ínfimos, nos transmite informações sobre coisas tão distintas como os transportes marítimos, a rede de abastecimento de águas, a extração mineira e a produção de metais na província mais ocidental do Império. É esse o grande achado deste livro: quase sem se aperceber disso, o leitor recebe aqui uma lição de História sobre a Roma antiga que, além do prazer da leitura, lhe abrirá mundos novos, como é timbre das melhores narrativas de viagens.

Agora, é tempo de nos pormos ao caminho. A jornada é longa e levar-nos-á a lugares distantes e remotos, e sobretudo a um tempo que, apesar de antigo, ainda é nosso e bem presente. Boa viagem.

## NOTA DO AUTOR



QUE MARAVILHA É O IMPÉRIO ROMANO! POR TODOS OS seus vastos territórios, estendendo-se desde a Britânia no Norte ao Egito no Sul, da Hispânia no Ocidente ao Eufrates no Oriente, grandiosas cidades cintilam com mármore requintado e oferecem o máximo do luxo público aos respectivos cidadãos. Na região rural, os campos prosperam com uma abundância de colheitas, e rebanhos fecundos pastam em prados ricos. Em todo o lado, a população desenvolveu-se rapidamente e abunda a prosperidade. Eu que o diga. As propriedades da minha família nobre atravessam as províncias do império, obtidas muitas vezes como recompensa pela parte que desempenhámos na conquista das mesmas. Quando, há muito tempo, Filon de Bizâncio fez uma lista das suas Sete Maravilhas do Mundo, não fazia ideia do que estava para vir. Esses poucos lugares já foram ultrapassados cem vezes pelas glórias do Império Romano: os seus anfiteatros, palácios, aquedutos, templos e estradas. Nenhum homem educado devia partir deste mundo sem os ter vivenciado.

O que desejaria alguém num companheiro de uma tal viagem? Um homem com inteligência, encanto e de fácil conversação, sugeriria eu. Um homem capaz de suportar os ocasionais infortúnios encontrados pelo caminho e no mar com uma equanimidade tranquila e sem lamentos. Um homem cujas opiniões informadas pudessem ajudar durante as inevitáveis horas de delonga com discussões

animadas sobre qualquer assunto, desde os mais sérios temas atuais até às glórias dos poetas épicos, passando pelas futilidades dos mexericos. O que alguém não escolheria seria um Brittunculus — um bretãozeco nauseabundo. Um bretão choramingas que, demais a mais, passou toda a sua vida na cidadezinha de Duroliponte e tem uma mente tão provinciana quanto isso sugere. Um homem cuja educação clássica parece ter-se varrido dele sem deixar rasto e que prefere decifrar os gatafunhos e os grafitis dos plebeus comuns, quando poderia estar a ler Virgílio. Um homem que prefere cerveja a vinho. Tal homem é Jerry Toner. Mas, para que o meu guia alcance um público tão vasto quanto merece, lá terá de ser. Que os deuses me ajudem!

## NOTA DO COMENTADOR



AS VIAGENS E O TURISMO TORNARAM-SE POPULARES durante os longos séculos da paz romana, a *Pax Romana* do império, quando viajar era relativamente seguro e prontamente disponível e acessível, talvez não para um público em massa, mas para um grupo muito mais vasto do que era o caso em termos históricos. Os enormes navios de cereais que se dirigiam para Roma para alimentar as suas multidões sujeitas ao subemprego transportavam centenas de passageiros que pagavam pela viagem e dormiam ao relento nos conveses e rezavam aos deuses para chegarem em segurança. Para os abastados, fazer uma viagem pelos pontos de destaque da Grécia e do Egito era uma das vantagens do império, uma forma de retirar prazer de sítios que os Romanos tinham conquistado. Mas não estavam unicamente interessados em ver as vistas. Os relatos que escreviam das suas viagens continham longas incursões pela mitologia associada a cada sítio, pela sua história, a logística do seu percurso e contemplações sobre todo o tipo de outros assuntos. O próprio texto de Falx tem uma tendência semelhante e representa uma espécie de Baedeker do mundo antigo. Escusado será dizer que o facto de ter ajudado à sua publicação não significa que aprovo muitos dos pontos de vista expressos nele.

A estabilidade do Império Romano também estimulou muitas outras formas de viajar: oficiais e representantes imperiais iam para onde eram enviados para realizarem tarefas governamentais locais

e supervisionar projetos importantes, enquanto soldados se deslocavam para onde quer que estivessem estacionados. Proprietários rurais ricos viajavam para inspecionarem as suas propriedades. O comércio e as trocas prosperavam e os comerciantes transportavam as suas mercadorias para mercados de todo o império, instalando-se muitas vezes nesse processo. Artistas e artesãos iam para onde havia trabalho, e todo o tipo de artistas de rua, videntes e praticantes religiosos passavam por cidades em busca de público. Os endinheirados mandavam os filhos aprender as aptidões da retórica nas grandes escolas na Grécia, enquanto os doentes procuravam curas nos muito ilustres centros de cura. A famosa rede de estradas, embora originariamente para uso militar, também fomentavam as viagens. Era como se o Império Romano estivesse em perpétuo movimento. Todos estes viajantes levavam as suas culturas com eles, e o resultado era que muitas das grandes cidades adquiriam um novo nível de cosmopolitismo. As pessoas também levavam consigo os seus deuses, e as religiões da parte oriental do império introduziram novos tipos de experiências religiosas que eram muito diferentes das do panteão tradicional.

Ser secretário de Marcus Sidonius Falx durante a longa e penosa viagem pelo vasto Império Romano foi uma experiência que jamais esquecerei. Houve pontos altos: os magníficos locais e santuários das cidades, os estranhos rituais e a diversidade avassaladora. Mas houve muitos baixos: a apatia casual em relação ao sofrimento de muitos, a arrogância presunçosa em relação a habitantes da província, a crença inabalável da superioridade de Roma e dos seus valores. O império obrigava muitas pessoas a viajarem. A aniquilação de insurreições como as dos judeus resultavam na deslocação de povos inteiros. Milhões de mais escravos eram enviados para longe das suas pátrias para onde quer que os seus proprietários decretassem. Mas Falx apenas reflete o que encontramos nas nossas fontes. Ouvimos falar muito mais sobre o que os romanos pensavam — romanos abastados ainda por cima — do que sobre quem governava. Tal como em muitas coisas do mundo romano, encontramos algum

material que é compreensível, mas grande parte dele também dá largas à imaginação e obriga-nos a puxar pela cabeça para entendermos a visão que tinham do mundo. Olhar para os testemunhos faz-me sempre perceber o quanto perdemos do mundo antigo.

Marcus é reservado no que diz respeito à idade dele, mas a maioria dos seus pontos de vista reflete os do Alto Império, essa época enaltecida por Gibbon como o período na história do mundo em que a raça humana foi mais feliz e próspera. Nada do que Falx diz é pura ficção. Tudo se baseia numa variedade de fontes contemporâneas, embora tenham sido muitas vezes adaptadas para se tornarem mais facilmente acessíveis para um público moderno. Adicionei comentários breves à narrativa dele no final de cada capítulo, para contextualizar algumas das suas opiniões e contrariar alguns dos preconceitos precipitados. Em paralelo com outras leituras sugeridas no fim do livro, estes guiarão os interessados em aprofundar onde podem encontrar mais sobre as fontes subjacentes originais, quem as escreveu e porquê, e discussões académicas modernas.



# CAPÍTULO I

## UMA GRANDE VIAGEM



O imperador convocara-me. Guardas conduziram-me até um terraço amplo no pico da colina do Palatino, onde ele andava de um lado para o outro de forma inquieta, seguido por um bando de conselheiros tagarelas. É muito alto e extremamente pálido, com um corpo peludo e desproporcionado. Também tem um pescoço e pernas muito finos e olhos encovados que ficam enterrados por baixo de uma testa ampla, acima da qual o cabelo a rarear surge em madeixas espetadas. É muito sensível em relação à sua calvície e é proibido olhar de cima para ele a partir de qualquer sítio mais alto. O rosto é naturalmente ameaçador, mas ele esforça-se para que o seja ainda mais, praticando expressões ferozes ao espelho.

— Ah, Falx! — Cumprimentou-me. — Eis um homem que me dará uma resposta direta. Diz-me, Falx, o que farias para melhorar o império?

— Oh, imperador, que pergunta é esta — comecei e, com o intuito de lhe garantir a impossibilidade de tal tarefa, acrescentei —, como diz o provérbio: estais a pedir-me para ordenhar um bode!

O imperador parou, como se tivesse sido açoitado por um relâmpago de Júpiter. O seu séquito fitou-me horrorizado pelo que dissera. Como é que eu havia de saber que a sensibilidade do imperador em relação ao seu cabelo esparso e às suas pernas tortas para dentro se estendia a uma proibição de qualquer referência a bodes?! Um homem inferior teria enfrentado a execução.

— Põe-te a andar daqui para fora — rosnou com o seu olhar mais assustador — e mantém-te longe... bem longe.

Saí do palácio com um passo acelerado. Desalentado, já enfrentei hordas bárbaras em batalha, mas não me importo de admitir que o medo me fazia agora transpirar que nem o Tibre em pleno fluxo. Ofendera o imperador e fora-me ordenado que me escapulisse. Estava na altura de passar despercebido por algum tempo.

Concluí que o melhor para mim era sair de Roma e depressa. Viajaria sem demora para sul, para a minha luxuosa casa de campo, ou vila, em Baiae. Mas o próprio imperador é conhecido por gostar de passar férias nessa estância, por isso eu não poderia ficar lá durante muito tempo. Pensei nas minhas propriedades no Norte de África, nas grandes herdades na Gália que herdara do meu tio, nos olivais em Hispânia que comprara há tantos anos para importar azeite para Roma. Todos ficavam convenientemente longe. Mas também havia ainda tanto do nosso grandioso império que eu nunca vira. Estudara em Atenas quando era jovem, mas nunca mais regressara lá. Vivenciara o caos de Alexandria durante algumas semanas quando fora enviado em negócios oficiais, mas não tivera tempo para fazer a viagem com calma Nilo acima para ver as maravilhas dos faraós. E depois também havia o meu filho, Titus, que comandava as forças militares junto à muralha no canto mais remoto da Britânia gelada. Que melhor oportunidade teria para surpreendê-lo e entregar-lhe em mãos aquelas meias que estava sempre a pedir para a minha mulher lhe mandar?

Apercebi-me de que era a minha oportunidade de viajar pelo império. No entanto, fazia muita falta um guia que me ajudasse nessa tarefa. Já lera vários guias de viagem até partes da Grécia, mas eram maioritariamente escritos por gregos que estavam determinados a tentar recuperar as glórias do passado deles. Com os contos infundáveis das vitórias dos gregos contra os persas, os relatos pormenorizados dos mitos e tradições locais, é como se a subserviência atual deles a Roma não existisse. Decidi que aproveitaria esta oportunidade para escrever um guia para todos os sítios

e monumentos mais dignos de memória por todo o império, a ser redigido em dez livros. Ninguém, nem mesmo nenhum grego, alguma vez se aventurou numa grandiosa viagem por todo o Império Romano.

Um guia desses é extremamente necessário. Parece que o mundo quase inteiro anda a viajar para trás e para a frente pelo império. Porquê? Os homens viajam por uma vasta variedade de motivos. Alguns vão em busca de educação e passam anos na Grécia, aos pés de filósofos. Muitos senadores, tal como o meu pai fez, enviam os filhos para Atenas, de modo a polirem as competências da retórica que serão tão importantes para as suas carreiras na vida pública. Que homem educado é menos do que fluente em Grego, que tem de dominar para poder adornar os seus discursos com uma dispersão liberal de citações apropriadas do notável bardo Homero? Outros vão em busca de saúde. Quantos já fizeram a longa caminhada até Pérgamo, para lá consultarem o deus da cura Asclépio no seu santuário. Auxiliados pelos empregados, dormem nos recintos do templo para que o próprio deus possa visitá-los num sonho e dizer-lhes qual o rumo do tratamento a seguir. Ou vão consultar-se com os notáveis praticantes de medicina grega, que conseguem diagnosticar os desequilíbrios humorais responsáveis pelas suas doenças.

Muitos viajam a comércio. Onde quer que se vá, vê-se cargas de mercadorias vindas de sítios longínquos, como do Sul da Arábia e até mesmo da Índia, em quantidades tão avultadas que os países de origem devem ter ficado sem especiarias. Mais perto de casa, as terras de cultivo do Egito e do Norte de África transportam colheitas abundantes em enormes navios de cereais que são o impulso vital da cidade de Roma. É de admirar que haja espaço no mar para tantos navios.

É claro que são as classes médias que viajam por dinheiro. Os que conseguem ter uma vida de lazer muitas vezes fazem viagens para explorarem os muitos interesses que o império tem para oferecer. O ser humano é curioso por natureza em relação a outros povos e sítios e adora viajar. Muitos fazem viagens marítimas e

suportam longos percursos solitários unicamente para verem uma qualquer paisagem remota. Isto porque a natureza, ciente da sua própria beleza, tornou-nos admiradores natos das suas atrações. Por isso, as pessoas anseiam por ver, com os seus próprios olhos, algo especial sobre o qual leram ou ouviram falar. É claro que, no caso de algumas pessoas, este desejo ávido de viajar quase se torna numa doença. Visto que não sabem o que querem, gostam demasiado da boa vida e anseiam eternamente por algo importante, que, de outro modo, lhes foge, entregam-se a uma deambulação inútil à superfície da Terra. Maravilhas naturais, sítios onde aconteceram milagres, curiosidades zoológicas, costumes bizarros de povos distantes — tudo isto é perseguido com uma sede desesperada por experiência que nenhuma quantidade de viagens parece saciar.

Estes ricos ociosos vagueiam sem destino, viajam até costas longínquas, às vezes por mar, outras por terra, sempre a tentarem acalmar aquela inquietação interior. «Vamos para Campânia!», dirão. Mas depressa se aborrecem e passam a desejar sítios selvagens e dirigem-se para Lucânia ou algo do género. Só que, assim que lá chegam, anseiam por beleza e sofisticação e vão a correr para Taranto, onde podem desfrutar do clima agradável. E, mal chegam, já sentem falta do barulho e da azáfama de Roma e são dominados por um desejo de ver sangue derramado no Coliseu. Assim, uma viagem segue-se à outra e uma vista é trocada por outra. Estas pessoas parecem fugir de si mesmas.

Foi o Império Romano que possibilitou todas estas viagens. A imponência imensa da paz romana e a sua excelente rede de comunicações, tanto por estrada como por mar, gerou uma facilidade e uma segurança ao viajar que só servem para aumentar este prazer de viajar. Nós, Romanos, traçámos o mundo, construímos pontes sobre rios, abrimos estradas através de montanhas e enchemos sítios ermos com estações de muda, onde oficiais podem encontrar uma estalagem onde ficar e um estábulo para lhes fornecer cavalos viçosos. No entanto, dificilmente algum desses não-romanos, que desejam saber como percorrer as joias do império, faz alguma ideia

sobre onde começar. Este guia dir-lhes-á tudo o que precisam de saber.

Que magnificências veremos? Para começar temos a arquitetura. Se se perdesse todos os outros conhecimentos do mundo romano, sobreviveriam tantas ruínas enormes que seria evidente que fora uma civilização grandiosa que as construía. Os arcos, os banhos públicos, as cúpulas, as pontes e os aquedutos, todos falam de uma prosperidade de que nenhuma época anterior esteve sequer perto e não consigo imaginar que alguma sociedade humana alguma vez consiga superar. As chamadas Sete Maravilhas do Mundo são de quando Alexandre acabara de conquistar o império Persa e refletem a visão tacanha dos gregos: Alexandria, Rodes, Olímpia, Halicarnasso, Éfeso, Mênfis e Babilónia. Mas a habilidade para a construção e a prosperidade romanas proporcionaram o embelezamento e o crescimento contínuos de cidades por todo o império. Neste momento há cerca de 250 cidades só na Hispânia Tarraconense. Mesmo as que foram fundadas pelos gregos, como Alexandria, floresceram sob o domínio romano. E, por todo o lado, todas estas cidades são cativadas por um objetivo: superar as suas rivais e os seus vizinhos e ser a mais bonita de todas. Mesmo naquelas regiões anteriormente bárbaras do Norte existem arcos triunfais, praças pavimentadas, templos de mármore e anfiteatros de pedra. Cintilam de esplendor e todo o mundo parece ter-se rendido ao prazer e à magnificência.

Veremos as sepulturas dos heróis de outrora, como o túmulo de Aquiles de Troia. Iremos à procura dos heróis de eras mais recentes e seguiremos os passos de Alexandre tal como partiu na sua longa caminhada até ao Império Persa. Veremos os famosos locais de batalha das Guerras Persas, onde os atenienses fizeram recuar o invasor persa pela primeira vez. E visitaremos os sítios onde outros homens famosos viveram, se sentaram e conversaram, como a casa de Sócrates em Atenas.

Os deuses estarão no centro da nossa viagem. Vivenciaremos os locais divinos onde há muito nasceram os deuses. Visitaremos

muitos santuários e altares importantes, que, aos poucos, foram ganhando grandes quantidades de objetos inestimáveis sob a forma de doações por parte de devotos gratos. A arte de excelência será uma parte proeminente dos nossos planos. Aquelas duas notáveis obras de arte, a escultura de Zeus de Fídias, e a vaca de bronze de Míron, estarão incluídas. Tal como sítios de fama literária. Veremos as ruínas de Troia e a praia onde os gregos desembarcaram na sua tentativa de resgatar Helena. E absorveremos a beleza que só a própria natureza pode oferecer, como o vale de Tempe, onde o rio Pinios ziguezagueia por entre avenidas de árvores, com margens cobertas de erva verdinha, enquanto pássaros cantam nas copas das árvores. Resumindo, este guia dar-lhe-á a conhecer povos, os costumes e o passado deles, e sítios, famosos pelas suas beleza, história e peculiaridades.

Também o leitor experimentará as vantagens do Império Romano. Verá como o mundo é mais culto e mais rico do que antigamente e como todos os sítios prosperam. Campos férteis substituíram desertos e searas substituíram florestas. Os pântanos foram drenados e agora há tantas cidades quanto outrora havia choupanas. Todos os cantos e recantos fervilham de vida civilizada. O domínio romano pôs um fim àquelas guerras infundáveis entre tribos locais, que agora nem conseguem lembrar-se de uma altura em que tivessem capacidade de cometer disparates militares tão imprudentes.

Ser governado por nós, romanos, é dar por si sob o poder de seres superiores. Controlamos um vasto império com mãos firmes, mas não inclementes. Esta experiência ditosa fez com que todo o mundo se agarrasse bem a Roma. O mundo pensaria tanto em abandonar Roma quanto a tripulação de um navio pensaria em separar-se do respetivo piloto. Alguma vez viu morcegos numa caverna, bem agarradinhos uns aos outros enquanto estavam pendurados nas rochas? É assim que o mundo se agarra a Roma. Todos os homens lhe pagam impostos com mais prazer do que o prazer que algumas pessoas têm em recebê-los de outras. Todos os povos podem pedir ajuda ao imperador. É uma situação igualmente

agradável e vantajosa, tanto para ricos quanto para pobres. Nunca ninguém pensa numa alternativa e não existem vozes dissidentes.

É como se todo o império estivesse numa férias eternas. As únicas pessoas que merecem a nossa compaixão são as poucas que ainda vivem fora do nosso império. Rezemos aos deuses para que permitam que este império e a grandiosa cidade de Roma prosperem para sempre e só caiam quando as pedras flutuarem em água e as flores deixarem de florescer na primavera. E rezemos para que o grande imperador e os filhos deste sejam preservados e abençoados em tudo.

Mas, ao interromper os meus devaneios, apercebi-me de que não havia tempo a perder. Estava na altura de sair da cidade, caso o imperador decidisse mandar os homens dele atrás de mim. O tráfego de veículos está proibido em Roma durante o dia, por isso ordenei que quatro dos meus escravos me transportassem numa liteira com cortinas até estarmos fora dos limites da cidade. Lá mudei para uma pequena carroça, cujas rodas emitiam um chiar infernal, mesmo apesar da aplicação de ainda mais sebo nos eixos para lubrificá-los, e na qual consegui manter-me fora de vista por baixo de um toldo.

É tradição antiga que viajantes que partem numa viagem, seja por terra ou água, façam algum tipo de promessa a cumprir ao chegarem ao seu destino em segurança. A promessa que fiz ao olhar para trás, para as torres cintilantes da notável cidade, não foi nenhuma das típicas promessas parvas e irrelevantes. Prometi simplesmente que, se regressasse em segurança, dedicaria o meu guia ao imperador, na esperança de reconquistar a sua graça.